

Avaliação psicopedagógica individual e em grupo com o adulto idoso

Individual and group psychopedagogical assessment with the elderly adult

Débora Silva de Castro Pereira¹

DOI: 10.51207/2179-4057.20250055

Resumo

Neste artigo vamos nos dedicar ao estudo do adulto idoso à luz da Psicopedagogia, sob a perspectiva da aprendizagem e da avaliação psicopedagógica individual e em grupo. Salientaremos a importância do processo avaliativo, direcionado para o adulto idoso e o que isso representa para a ação psicopedagógica. Com essa direcionalidade, foram realizadas adequações e inovações relacionadas aos instrumentos a serem utilizados. Daremos relevância à existência da aprendizagem assistemática na vida do adulto idoso e apresentaremos, de forma detalhada, o desenrolar de uma avaliação psicopedagógica de cunho individual e em grupo destinada à faixa etária em apreço.

Unitermos: Avaliação Psicopedagógica. Adulto Idoso. Derivações e Nuances.

Summary

In this article, we will focus on the study of older adults in accordance with psychopedagogy, from the perspective of learning and individual and group psychopedagogical assessment. We will emphasize the importance of the assessment process for older adults and what this represents for psychopedagogical action. With this direction in mind, adjustments and innovations were made to the instruments to be used. We will highlight the existence of unsystematic learning in the lives of older adults and present, in detail, the unfolding of an individual and group psychopedagogical assessment targeting the age group in discussion.

Keywords: Psychopedagogical Assessment. Elderly Adult. Derivations and Nuances.

Trabalho realizado na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, BA, Brasil.

Conflito de interesses: A autora declara não haver.

1. Débora Silva de Castro Pereira – Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Autônoma de Barcelona-ES, Pedagoga, Psicopedagoga, licenciada em Letras Vernáculas com Francês, Coordenadora e Professora do curso de Especialização em Psicopedagogia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (Salvador-BA), Membro do Conselho Vitalício da ABPp seção BA, Autora de vários artigos publicados em periódicos na área da Psicopedagogia e de capítulos escritos em livros sobre Psicopedagogia e Aprendizagem, Salvador, BA, Brasil.

Introdução

A aprendizagem existe desde que nascemos. Ela vai sendo construída e organizada pelo sujeito, a depender da forma como ele vive, da sua rede cultural, social, biológica, psicológica, da sua história de vida, dos sonhos e das coisas que ainda estão por vir.

Segundo Alicia Fernández (2020) “Aprender... é historiar-se, recordar o passado para despertar-se para o futuro; é deixar-se surpreender pelo já conhecido. Aprender é reconhecer-se, admitir-se. Crer e criar. Arriscar-se a fazer dos sonhos textos visíveis e possíveis”. (p. 36).

Assim, o processo de aprendizagem, o ato de aprender se desenvolve no sujeito.

Para aprender é preciso reconhecer-se como ser integrado a si mesmo e ao mundo, permitir-se fazer e agir. E é nesse permitir-se que surgem as ações do dia a dia, as interações tanto individuais como coletivas, facilitando o ato de aprender.

Esse desempenha um papel importante quando favorece e provoca a participação ativa do sujeito no desempenho de suas atividades, e, por assim ser, torna-se uma mola propulsora na busca de novos conhecimentos, novas aprendizagens.

Dessa forma, entendemos que o ato de aprender, a aprendizagem de uma pessoa se sustenta em um fundamento motivacional de experiências vividas. Através destas experiências, o sujeito construirá o investigador, o seu mundo interno, habitado por pessoas, lugares e vínculos, os quais articulando-se com um tempo próprio, num processo criador, configuram a estratégia do descobrimento (Quiroga, 1990, p. 19).

Assim, acreditamos que a construção da aprendizagem no adulto idoso deverá acontecer através de fatos do seu dia a dia, de experiências que viveu e vive, de um motivo, um estímulo e do desejo de querer sempre aprender.

Para tal, precisam ser criadas estratégias específicas para desenvolver uma ação psicopedagógica dirigida ao adulto idoso, tendo a percepção, a clareza da complexidade que é o ato de aprender e esta ação psicopedagógica.

Esta citação “a ação supõe a complexidade, isto é, acaso, imprevisto, iniciativa, decisão, consciência

das derivas e transformações” (Morin, 2015, p. 81), diz muito da ação psicopedagógica enquanto exige do avaliador e avaliado iniciativa, tomada de decisão, de consciência daquilo que é e das transformações que possam acontecer.

Com esse olhar voltado para a complexidade e para as transformações que a ação psicopedagógica estabelece, vamos tomando consciência de que a Psicopedagogia ampliou. Saiu do seu casulo impondo novas ações, novos saberes, novos instrumentos de avaliação e de intervenção.

Considerando esses aspectos, os avanços que vêm ocorrendo na Psicopedagogia, sentimos a necessidade de elaborar uma avaliação psicopedagógica, destinada a adultos idosos, trazendo adaptações e inovações quanto aos instrumentos utilizados.

Fizemos adaptações na entrevista contratual, anamnese e entrevista devolutiva.

Introduzimos a Entrevista Aberta Centrada na Aprendizagem (EACA), específica para adultos, adultos idosos e (se necessário) para adolescentes.

Como opção, incluímos Instrumentos Variados, escolhidos pelo psicopedagogo, com a intenção de avaliar melhor e de forma mais eficaz as pessoas atendidas.

Assim, caminhando por novos caminhos, numa abordagem psicopedagógica propensa a mudanças, falamos sobre aprendizagem, avaliação psicopedagógica individual e em grupo, mergulhando nas nuances e derivações do processo avaliativo, num viés dirigido ao adulto idoso.

A psicopedagogia, a aprendizagem e o adulto idoso

O adulto idoso surge para a Psicopedagogia como uma forma de poder se constatar que a aprendizagem não tem fronteira. Ou será que é a Psicopedagogia que surge para o adulto idoso querendo mostrar para ele que aprendizagem não tem fronteira?

Essa é uma realidade tão mesclada, tão entrelaçada que podemos pensar e dizer: a Psicopedagogia, a ação psicopedagógica e a aprendizagem não têm fronteiras, não têm limites. Elas seguem como um rio caudaloso que vai passando pelos obstáculos

seguindo o seu caminho, tentando superá-los do jeito que podem.

Dessa forma, entendemos que nessa mescla entre Psicopedagogia e aprendizagem, em que uma explica e complementa a outra, realmente, não existem fronteiras. Existem novos caminhos a seguir na Psicopedagogia, especialmente em se tratando de adultos idosos.

A partir da existência de novos caminhos, é interessante tomarmos como ponto de partida para o desenvolvimento de uma ação psicopedagógica com o adulto idoso, a sua história de vida, suas expectativas, experiências e vivências infinitamente significativas, acumuladas ao longo do tempo.

Junto a esses aspectos, é preciso que sejam consideradas, também, as limitações provocadas pela idade, pela vida, as dificuldades que essas pessoas têm para lidar com acontecimentos do seu cotidiano, do seu passado, do seu vir a ser, da sua finitude.

Esses dados percebidos, sobre o adulto idoso, reforçam, nessa fase da vida, que a aprendizagem acontece de forma assistemática, incidental, compatível com o contexto em que o sujeito vive.

Segundo Visca (2010), no esquema evolutivo da aprendizagem, a aprendizagem assistemática está no terceiro nível. Antes desse nível, estão a protoaprendizagem e a deuteroaprendizagem, e no quarto nível a aprendizagem sistemática.

Se levarmos em consideração que o adulto idoso já passou, provavelmente, por esses quatro níveis de aprendizagem entenderemos que, no estágio de vida em que se encontra, é realmente a aprendizagem assistemática que vai predominar, lhe dar sustentação à aprendizagem do dia a dia.

A aquisição desse tipo de aprendizagem vai proporcionar meios para que o adulto idoso possa viver, de forma ativa, uma vida compatível com suas necessidades e desejos, integrados ao seu cotidiano.

A partir dessa visão, da noção sobre aprendizagem assistemática/adulto idoso surgem grandes desafios para a Psicopedagogia e para a ação psicopedagógica.

Esses grandes desafios podem nos levar a entender que, realmente, a ação psicopedagógica não tem fronteiras e que podemos aprender

independentemente da idade que tenhamos, onde quer que estejamos e/ou o que façamos.

Dessa forma, vemos a aprendizagem assistemática como força motriz no ato de aprender do adulto idoso, proporcionando-lhe possibilidades de aprender, sem rótulos, sem pressão, com prazer, descobrindo o mundo que está à sua volta. Parafraseando Sara Paín:

A questão é devolver *ao adulto idoso* [ênfase nossa] este prazer de aprender, o prazer de resolver um problema, o prazer do tipo olímpico (no sentido de olimpíadas mesmo) de poder ganhar do problema. O problema é o desafio, o assunto é a alegria ou a força com a qual *o adulto idoso* [ênfase nossa] toma o desafio e luta para solucionar o problema. (Paín, 2000, p. 25)

Precisamos considerar o adulto idoso, assim, nessa perspectiva de olimpíada, como um ser que precisa estar em constante desafio e luta para viver cada dia, na sociedade, na família, na vida e nas suas limitações.

É o estar atento a esse constante desafio e luta que os adultos idosos enfrentam, que a Psicopedagogia, no seu processo de expansão, deve adequar-se à realidade desse público.

Por essa razão, fizemos adaptações aos instrumentos existentes e apresentamos novos instrumentos para compor uma avaliação psicopedagógica condizente com o adulto idoso.

Entendemos que uma avaliação psicopedagógica “mais do que medir ou julgar uma experiência de aprendizagem, permite intervir a tempo para assegurar que as estratégias e os meios utilizados” (Condemarin, 2005, p. 13) estejam de acordo com os objetivos estabelecidos, de acordo com o sujeito a ser avaliado.

A avaliação psicopedagógica e o adulto idoso

A avaliação, de modo geral, é uma constante na vida das pessoas. No trabalho, no dia a dia, seja qual for a forma em que a avaliação se apresente, ela sempre vai existir trazendo o peso da responsabilidade e da importância que representa em qualquer contexto, em qualquer área do conhecimento.

Na avaliação psicopedagógica não é diferente. Ela traz também o peso da responsabilidade e da importância de ser vivida pelo psicopedagogo e pelo sujeito avaliado.

A avaliação psicopedagógica pode tornar-se interventiva a depender do rumo que o psicopedagogo lhe afere.

Consideramos esse tipo de avaliação adequada ao trabalho psicopedagógico com o adulto idoso, visto que conduz o sujeito a um processo de interação e de intervenção constante entre si mesmo e o psicopedagogo.

Nasce, também, nesse momento, a possibilidade do sujeito e do psicopedagogo refletirem sobre seus atos e ações durante a avaliação e descobriram que “a avaliação é uma interação, uma troca, uma negociação entre o avaliador e um avaliado, sobre um objeto particular e em um ambiente social dado” (Weiss conforme citado em Hadji, 1991, p. 35).

Ao entendermos a avaliação como interventiva tal como apresentamos, concordamos, com Rubinstein (2013) quando diz que existe uma “relação dialógica e de complementaridade entre diagnóstico e intervenção” (p. 196). Ou seja, já na avaliação psicopedagógica (diagnóstico) existe uma intervenção, uma ação dinâmica (descoberta e ajuda) entre o profissional e o sujeito.

E, é nessa ação interventiva, durante a avaliação psicopedagógica, que caminhamos para a descoberta das causas que provocam as dificuldades de aprendizagem, os obstáculos que impedem o sujeito de aprender.

Esses obstáculos podem ser de ordem cognitiva, afetiva/emocional, funcional, cultural, social, os quais Visca (1993) denomina como obstáculos epistemofílico, epistemológico, epistêmico e funcional.

Perceber esses obstáculos durante a avaliação psicopedagógica nos conduz ao levantamento de hipóteses sobre o sujeito, seu nível, modelo e dificuldades de aprendizagem. Sua relação com o mundo, com as pessoas, consigo próprio e os motivos pelos quais não está aprendendo.

Obstáculo Epistemofílico:

nos remete a experiências vividas pelo adulto, o qual, não se debruça integralmente naquilo

que não sabe. Pensa, pondera, tem medo de se perder nos novos conhecimentos, tem medo de errar, de provocar danos ao objeto de manuseio. (Pereira, 2021, p. 129)

Nesse processo de resistência, necessário se faz a compreensão de que toda mudança, toda inovação desestabiliza, provocando o caos, o conflito, gerando inquietudes, incertezas, o medo e a angústia de abandonar o que já está consolidado. (Pereira, 2021, p. 130).

Observamos, no adulto idoso, esse obstáculo presente nas questões da tecnologia. As novas tecnologias, a Internet, para o adulto idoso, é um eterno descobrir. Tem medo de errar, de não conseguir atender às necessidades provocadas pela máquina. Então, desiste e tende a sucumbir ao analfabetismo digital.

Nessa relação com a tecnologia, o adulto idoso constata que: A velocidade das imagens e informações exige que estejamos sempre atentos ao último acontecimento, diante do qual o jornal, que traz os acontecimentos de ontem, torna-se um meio de comunicação do passado. Hoje em dia, ontem foi há muito tempo. (Jerusalinsky, 2017, p. 16).

O obstáculo epistemológico “acontece quando a aprendizagem está sendo dificultada, quando ela desestabiliza a concepção do mundo e da vida” (Visca, 1993, p. 58). O adulto idoso, nesse caso, sente-se inadequado, apresenta dificuldades para se engajar à realidade, a uma nova aprendizagem.

Nesse momento, temos a possibilidade de constatar que “toda verdadeira aprendizagem exige uma ruptura com antigas representações e preconceitos anteriores, requer, pois, uma intervenção externa ou uma situação particular que permita ao sujeito modificar seu sistema de pensamento” (Meirieu, 2021, p. 130).

O obstáculo epistêmico consiste em:

uma limitação do conhecimento pela restrição que o grau, ou nível de construção da estrutura cognitiva, impõe à apreensão da realidade . . . um conceito derivado da teoria piagetiana, de acordo com o qual cada sujeito epistêmico possui uma determinada estrutura cognitiva que delimita o nível de

conhecimento que pode adquirir em função das operações de que dispõe. (Visca, 1991, pp. 30 & 102)

Em se tratando do adulto idoso, esse obstáculo pode existir em consequência da idade, num declínio das operações cognitivas, ou de um mal acometido de ordem orgânica, consequência de alguma doença física ou mental.

Assim, no decorrer da existência, num processo natural de deterioração, as funções orgânicas, emocionais, sociais e/ou outras não exercem mais o papel que exerciam antes, não funcionam mais como se quer, ou como se deseja. Funcionam como podem. Em consequência, o processo de aprendizagem torna-se mais difícil e, surgem os obstáculos funcionais. (Pereira, 2021, p. 131)

O obstáculo funcional

vai impedir um particular estilo de aprendizagem que se afasta do normal. Entre as diferenças funcionais que com mais frequência se apresentam nesse período de vida, encontra-se a queda do domínio da estrutura cognitiva – em particular o domínio espacial e o aspecto figurativo do pensamento. (Visca, 1993, p. 61)

Assim, analisando cada um desses obstáculos, considerando o já exposto nesse artigo sobre aprendizagem, a importância da avaliação e a relação destas com o adulto idoso, fica explícita a complexidade do ato de aprender e a necessidade de uma avaliação psicopedagógica voltada para essa faixa etária.

Avaliação psicopedagógica individual com adultos idosos: derivações e nuances

Tendo a Epistemologia Convergente como teoria de base, mantivemos, o esquema sequencial estabelecido para uma avaliação psicopedagógica.

Porém, em se tratando de uma avaliação dirigida para adultos idosos sentimos a necessidade de fazer algumas alterações e inovações no que se refere aos instrumentos utilizados, visto que exigem certa especificidade na sua aplicação.

Então, seguindo o esquema sequencial, começamos aplicando a Entrevista Contratual, em seguida a Entrevista Aberta Centrada na Aprendizagem (EACA), Provas Operatórias Piagetianas, Técnicas Projetivas Psicopedagógicas, Instrumentos variados, Anamnese e Entrevista Devolutiva.

Entrevista contratual

É o primeiro momento de acolhimento e a instauração do primeiro vínculo psicopedagogo/adulto idoso.

Nesse momento vai ser definida a condução do trabalho psicopedagógico, o levantamento de dados sobre o sujeito avaliado e o levantamento de hipóteses.

A Entrevista Contratual será desenvolvida diretamente com o adulto idoso, visto que é ele quem normalmente procura o psicopedagogo, indicado por amigos, família, parentes, profissionais de outras áreas ou, até mesmo, seguindo informações colhidas da Internet.

Ele traz a queixa, explicitando o porquê da procura, o que lhe aflige em termos das dificuldades de aprendizagem que possui e o que espera desse profissional.

No decorrer da Entrevista Contratual investigamos sobre:

- dados pessoais: nome completo, idade, data de nascimento, estado civil, escolaridade, profissão, função que exerce;
- os dados pessoais do seu cônjuge e dos filhos (se houver) seguindo o mesmo roteiro acima;
- endereço, telefone, e-mail, WhatsApp e/ou outros.

O psicopedagogo dará informações sobre o trabalho a ser desenvolvido:

- o papel e ação do psicopedagogo;
- informações sobre a estrutura, funcionamento e importância de cada sessão;
- número de sessões, definição do tempo para cada sessão, o espaço;
- o cronograma previsto para as oito sessões que compõem a avaliação.

Nesse primeiro contato, solicitamos, com vistas à Anamnese, uma investigação sobre a sua vida, desde o pré-natal até os dias atuais. Pedimos que

essa investigação aconteça durante o período em que a avaliação estiver sendo desenvolvida.

Para tal, embora essa busca tenha um cunho livre, algumas diretrizes são dadas sobre o que investigar sobre a sua história e a-história.

Explicamos o objetivo da investigação, sua importância e a integração dessas informações trazidas, aos dados coletados pelo psicopedagogo durante a avaliação.

Esses dados, trazidos pelo sujeito, se tornarão um elemento chave, de grande importância para o desenvolvimento da Anamnese.

Essa investigação sobre a história de vida é uma experiência muito rica para aquele que está se investigando. Nesse momento há a descoberta de si mesmo, de muitos fatos que, até então, não eram conhecidos, deixando-o a par do que foi e do que é como pessoa, integrante de um contexto família, parentes e amigos.

Quando a Entrevista Contratual é desenvolvida com um adulto idoso que não possui mais a gerência sobre si próprio, a família é quem procura o psicopedagogo e, normalmente, assume o comando da entrevista, relatando todos os dados solicitados.

Caso o adulto idoso ainda esteja em condições físicas e mentais para participar desse momento, ele poderá, também, estar presente, ouvindo e intervindo.

Ao final da Entrevista Contratual, podemos definir algumas hipóteses e as primeiras linhas de pesquisa.

Em seguida, o próximo instrumento a ser aplicado é a EACA.

Entrevista aberta centrada na aprendizagem - EACA

Sabemos que, normalmente, em se tratando da Epistemologia Convergente, logo após a Entrevista Contratual segue a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem - EOCA.

No entanto, em se tratando de adulto idoso, surgiu a necessidade de um novo instrumento: Entrevista Aberta Centrada na Aprendizagem (EACA), derivado da EOCA, adaptado por Jozélia de Abreu Testagrossa. A EACA é fruto da experiência de

Jozélia, como psicopedagoga, na clínica e na instituição.

Conhecendo esse público-alvo (adulto idoso), percebeu, nas suas avaliações e intervenções, que essas pessoas por estarem no estágio Operatório Formal, num nível de raciocínio abstrato, combinacional, proposicional não precisariam, necessariamente, de material concreto exposto à sua frente (EOCA) para interagir e operar.

A partir dessa constatação, Jozélia começou a buscar novas formas de ação, um outro instrumento com características mais adequadas ao adolescente, ao adulto e/ou ao adulto idoso. Em consequência surgiu a EACA.

Qual o objetivo da EACA:

- permitir ao sujeito falar de forma livre sobre si mesmo, sua vida, o que sabe fazer, o que sabe ensinar;
 - possibilitar ao psicopedagogo enxergar o sujeito como aprendiz e ensinante do seu mundo, com vistas ao que sabe fazer, ao que já aprendeu na sua vida e ao prazer de ensinar as pessoas que estão à sua volta;
 - dar ao psicopedagogo possibilidades para conhecer as peculiaridades apresentadas pelo sujeito, as quais trarão subsídios para uma melhor compreensão sobre este;
 - se constituir em um suporte de grande valia para um maior entendimento entre avaliador e avaliado.
- Características da EACA:
- Original e única, como acontece no trabalho psicopedagógico;
 - Apresenta relato de fatos, relações e necessidades trazidas pelo sujeito, nos permitindo o levantamento de hipóteses sobre o seu nível de aprendizagem, estrutura cognitiva, estado afetivo/emocional;
 - Traduz sempre um período, um tempo de existência, de experiência do sujeito;
 - Conduz à elaboração de linhas de pesquisa.

A consigna da EACA, segundo Jozélia, deve ser tão aberta e solta quanto a denominação dada a esse instrumento, deixando o sujeito avaliado com liberdade para se pronunciar, falar do jeito que sabe, do jeito que pode. Esse instrumento sempre

de cunho avaliativo pode ser aplicado de forma individual e grupal.

Na EACA individual, o sujeito fala sobre si mesmo seguindo a linha estabelecida pela consigna. Nesse momento, a escuta, a observação, a análise se estabelecem compondo a ação do psicopedagogo.

Nasce aí o interjogo psicopedagogo/sujeito, os dados colhidos, extraídos da fala e da experiência de vida.

A EACA nos apresenta uma consigna aberta inicial e outras consignas que são chamadas de consignas alternativas.

CONSIGNA ABERTA

– Gostaria que me falasse sobre o que já aprendeu, o que te ensinaram, o que sabe fazer, e o que sabe ensinar.

CONSIGNAS ALTERNATIVAS

- Você acabou de me contar, me falar sobre várias coisas. Mas, gostaria que extraísse delas o que mais lhe chamou atenção.
- Gostaria que você me falasse sobre outras coisas que você ainda não falou.
- Com sua experiência de vida, como você se vê como aquela pessoa que ensina?

Como você acha que desenvolve essa ação de ensinar?

Na EACA, utilizamos, com suas devidas alterações e adaptações, os mesmos pontos direcionais que o Visca (2010) estabelece para a EOCA:

- Temática, dinâmica e produto;
- A temática está no que o sujeito traz no seu conteúdo falado;
- A dinâmica traz a conduta do sujeito, a sua relação, a expressão corporal incorporada à maneira como fala e se dirige ao psicopedagogo.

O produto, são os dados trazidos pelo sujeito. O que ele relata na sua fala e o que deixa registrado através desse relato.

Esse instrumento nos permite observar, colher e registrar dados como:

- Os aspectos energéticos e estruturais;
- O modelo de aprendizagem;
- O envolvimento e a relação com a aprendizagem, assim como as dificuldades de aprendizagem;
- O que sabe fazer;
- O que aprendeu, como aprendeu;

- O que lhe ensinaram, o que sabe ensinar;
- Atitudes;
- Vínculos, relacionamentos;
- Níveis de autonomia, independência;
- Aspectos culturais, sociais;
- Forma de se comunicar, a linguagem utilizada.

Concluída a EACA, em sequência, seguem as provas Operatórias Piagetianas e as Técnicas Projetivas Psicopedagógicas

Provas operatórias piagetianas e técnicas projetivas psicopedagógicas

Essas provas têm como objetivo identificar o nível cognitivo do sujeito e respectivamente as suas questões vinculares ligadas à família, a amigos, à aprendizagem e a si próprio.

Esses instrumentos, tanto as provas Operatórias Piagetianas quanto as Técnicas Projetivas Psicopedagógicas, não sofrerão alterações sendo aplicadas com o adulto idoso. Estarão relacionadas a cada sujeito, definidas pelo psicopedagogo quanto a sua ordem e necessidade de aplicação.

Provas operatórias piagetianas

“As provas de diagnóstico operatório são instrumentos de pesquisa que nos auxiliam na investigação sobre a qualidade do pensamento de uma pessoa, ou seja, a condição que apresenta para aprender” (Carlberg, 2012, p. 65). Essas provas nos levam a descobrir o grau da estrutura e do nível cognitivo do sujeito. Cada uma dessas provas está destinada a cada estágio cognitivo com uma forma específica de aplicação.

Para sua aplicação, em se referindo ao adulto idoso, deveremos, inicialmente, levar em consideração o estágio cognitivo em que, supostamente, este se encontra, ou seja, um tipo de raciocínio abstrato, hipotético dedutivo, o estágio Operatório Formal.

Esse estágio, começa aproximadamente aos 12 anos, se sedimenta aos 15 e segue seu caminho. O caminho do adolescente, do adulto, do adulto idoso e vai se sedimentando ao longo da vida.

Jean Marie Dolle no seu livro *Para Compreender Piaget* diz (além de muitas outras coisas) o seguinte sobre o estágio Operatório Formal:

O pensamento Operatório Formal é hipotético-dedutivo.

. . . Agora, a dedução lógica não se efetua mais sobre o real percebido, mas sobre hipóteses, vale dizer, sobre as proposições que formulam as hipóteses ou colocam os dados a título de simples dados, independentemente de seu caráter atual: a dedução consiste então em ligar entre si essas assunções tirando suas consequências necessárias. (Dolle, 1987, p. 169)

A par do que se constitui o Estágio Operatório Formal, das nuances em que as provas operatórias piagetianas se estabelecem, cabe ao psicopedagogo escolher aquelas mais adequadas ao sujeito avaliado, podendo, assim, aplicá-las de forma mais específica, mais segura.

Técnicas projetivas psicopedagógicas

Após a aplicação das provas piagetianas, ou entremeadas a elas, podemos aplicar as Técnicas Projetivas Psicopedagógicas

Elas compõem um instrumento de avaliação destinado a pôr em destaque o aspecto, além de cognitivo, o vincular, relacional, afetivo/emocional. Constituem-se em:

um recurso, entre outros, que permite investigar a variável emocional que condiciona positiva ou negativamente a aprendizagem, no que se refere ao vínculo ou vínculos que o sujeito estabelece com a aprendizagem propriamente dita, assim como também com as circunstâncias dentre as quais se opera essa construção. (Visca, 2011, p. 15)

A importância deste recurso está em nos permitir, através da análise dos desenhos e da observação do psicopedagogo, um maior conhecimento sobre o sujeito avaliado, como ele aprende no que refere à produção de uma aprendizagem oriunda de um contingente de vínculos que engloba o emocional, social, cognitivo, cultural.

Através destas técnicas, podemos ter uma visão mais ampla do adulto idoso e sua relação com a aprendizagem assistemática instalada na sua rede pessoal, com pessoas e coisas que estão a sua volta.

Segundo Visca (2011), através das Técnicas Projetivas Psicopedagógicas podemos ter como objetivo a análise de três grandes domínios: o escolar, familiar e consigo mesmo.

Os vínculos observados nesses três domínios vão nos dar possibilidades de conhecer melhor o sujeito avaliado. Analisá-lo em contextos bem específicos, os quais nos permitirão ver com clareza o seu nível de aprendizagem extraído do seu dia a dia.

A depender do adulto idoso avaliado, podemos aplicar qualquer uma das Técnicas Projetivas Psicopedagógicas, desde que estejam adequadas e se façam necessárias.

Com a aplicação dessas técnicas, surge um novo levantamento de hipóteses e novas linhas de pesquisa, as quais vão nos direcionar, nesse momento, ao que denominamos de Instrumentos Variados.

Instrumentos variados

Visando a importância de buscar mais conhecimento sobre o adulto idoso decidimos incluir, como complementação do processo avaliativo, Instrumentos Variados, escolhidos pelo psicopedagogo.

Os Instrumentos Variados fogem do estabelecido no processo diagnóstico estabelecido pela Epistemologia Convergente.

A presença desses no processo avaliativo nos permite perceber como a ação psicopedagógica se torna flexível, inserida na subjetividade do sujeito, do grupo e do ato de avaliar.

Essa flexibilidade existente quanto à ação psicopedagógica, na escolha e aplicação desses instrumentos, nos possibilita recorrer, por exemplo, aos jogos, quebra cabeça, leitura/escrita, arte de modo geral, atividades artesanais, e outros, atividades que vão exigir do adulto idoso o papel de aprendente e ensinante.

Dessa forma, essas atividades surgem com o propósito de desenvolver na pessoa avaliada a autonomia, independência e engajamento.

Vão variar de acordo com as observações feitas pelo psicopedagogo sobre o sujeito em estudo e sobre os resultados obtidos durante a avaliação até o presente momento.

Após a aplicação dos Instrumentos Variados, segue o processo avaliativo com a Anamnese.

Anamnese

A anamnese, na proposta da Epistemologia Convergente, deve vir no final da avaliação, ser conduzida de forma livre, aberta, situacional, deixando o sujeito falar e permitindo ao psicopedagogo utilizar intervenções para elucidar os fatos relatados e/ou descobertos durante a avaliação até o presente momento.

Usamos todos os dados colhidos durante a avaliação, numa análise investigativa final, para confirmar e/ou refutar as hipóteses levantadas.

Com o adulto idoso, nessa proposta de avaliação individual, a anamnese se configura de forma distinta, visto que começamos a delinear-la, desde a Entrevista Contratual.

Então, naquele momento, solicitamos ao sujeito avaliado, que durante o processo avaliativo, faça uma investigação sobre a sua história e a-história até a idade em que se encontra, colhendo informações desde o período pré-natal até os dias atuais.

É uma procura, por vezes difícil, visto que significa mergulhar na sua própria história, investigá-la, descobrir dados, por vezes ignorados, os quais trarão revelações, não só para o psicopedagogo como também para aquele que busca a sua história.

Sugerimos que essa investigação seja feita com pessoas da família, pai, mãe, parentes, com amigos e/ou outras pessoas que possam ajudá-lo a reconstruir a sua caminhada de vida.

Para que essa pesquisa possa acontecer, explicamos à pessoa avaliada o objetivo desta e damos as consignas para que tal ação seja entendida e executada durante o processo avaliativo.

Consigna dada no Entrevista Contratual:

- Gostaria que você fizesse, durante o nosso período de avaliação, uma pesquisa, uma busca sobre a sua história de vida, desde o pré-natal até os dias atuais. Esses dados coletados deverão ser trazidos no final da avaliação, durante a anamnese.

Na Anamnese propriamente dita, é dada uma outra consigna:

- Gostaria que você me falasse sobre o resultado da investigação que você fez, sobre a sua história de vida durante essa avaliação. Como você se sentiu fazendo essa investigação, quais e quantos

fatos foram novidades para você. Quais foram as descobertas mais significativas.

Nesse contínuo de fala e escuta, seguem as intervenções do psicopedagogo como uma forma de elucidação do dito naquele momento, dos dados coletados durante a avaliação e das hipóteses levantadas.

A anamnese, como estamos vendo e como Visca (2010) a posiciona, no final da avaliação, nos oferece um grande suporte para a elaboração do Informe Psicopedagógico e nos conduz à Entrevista Devolutiva.

Entrevista devolutiva

Durante toda a avaliação, como já havíamos dito, o adulto idoso vai estar respondendo, sozinho, pelos seus atos, queixas e responsabilidades.

Na Entrevista Devolutiva ele, também, vai estar presente para receber o resultado de todo o trabalho desenvolvido no processo avaliativo.

É um momento bem específico, visto que diagnóstico e prognóstico são apresentados ao adulto idoso através da fala do psicopedagogo e de um Informe Psicopedagógico, fazendo uma retrospectiva sobre o que aconteceu durante a avaliação e o resultado adquirido.

É a fase conclusiva da avaliação psicopedagógica desenvolvida de forma individual.

A avaliação psicopedagógica em grupo com o adulto idoso: derivações e nuances

O grupo nos permite viver na coletividade, fazendo com que as pessoas, se sintam integradas consigo próprias, com o outro, convivendo com o saber ser e estar entre seus pares, trocando afetividade, emoção, conhecimento, aprendizagens.

É fundamental para o equilíbrio do sujeito, como pessoa que pensa, se estrutura e se estabelece no mundo real, num mundo social.

Na interligação desses mundos, a avaliação psicopedagógica em grupo com adultos idosos, a nosso ver, deve ser trabalhada como avaliação e intervenção: avaliação interventiva (Rubinstein, 2013), trazendo características próprias, especificidade aos instrumentos, metodologia, logística.

Entre avaliação e intervenção, o grupo se fortalece, favorece a troca de ideias, de experiências, fortalece também as pessoas que o compõem, promovendo o crescimento, autoestima, autonomia e independência.

Para esse tipo de avaliação, em grupo com adultos idosos, mantivemos o esquema sequencial desenvolvido na avaliação individual. Porém, excluímos as provas Operatórias Piagetianas e fizemos algumas alterações quanto a metodologia aplicada em alguns instrumentos.

Essas alterações passaram a existir em função da especificidade que a avaliação psicopedagógica em grupo exige em relação ao adulto idoso.

Normalmente, o grupo de adultos idoso está presente em instituições de acolhimento, de repouso e outras instituições com essas mesmas características. Porém, podemos, também, constituirlos na clínica psicopedagógica.

A avaliação psicopedagógica em grupo se apresenta com as seguintes etapas: Entrevista Contratual, Entrevista Aberta Centrada na Aprendizagem (EACA), Instrumentos Variados, Técnicas Projetivas Psicopedagógicas, Anamnese e Entrevista Devolutiva.

Entrevista contratual

Nesse tipo de trabalho em grupo, consideramos que o primeiro momento, a Entrevista Contratual, deva acontecer entre o psicopedagogo e o responsável pela instituição por várias razões:

- solicitar informações gerais sobre o grupo e sobre as pessoas que o compõem;
- garantir a privacidade, a individualidade de cada membro do grupo;
- conhecer a instituição: estrutura administrativa, funcionamento e o trabalho desenvolvido com os adultos idosos;
- apresentar uma proposta de trabalho demonstrando como será desenvolvida a avaliação psicopedagógica, objetivos e metas.

Dessa forma, os dados coletados sobre os membros do grupo serão adquiridos através de consulta a arquivos da instituição e/ou com o responsável desta:

- nome, idade, sexo, estado civil, escolaridade, profissão, função que exerce, grau de saúde física e mental, constelação familiar, endereço, motivo de estar na instituição, tempo de permanência.

Com esses dados colhidos, passamos a conhecer, de maneira geral *grosso modo*, as pessoas que compõem o grupo que iremos trabalhar.

A partir desse momento, começamos com o levantamento de hipóteses e em consequência delineamos o próximo passo a seguir: a Entrevista Aberta Centrada na Aprendizagem (EACA).

Entrevista aberta centrada na aprendizagem - EACA

A EACA, nesse contexto de grupo, passa a ter objetivos e aplicação diferentes daqueles que encontramos na EACA, no contexto individual.

Embora mantenha a mesma proposta de liberdade de ação, de posicionamento, permitindo a cada sujeito se pronunciar da forma como quiser, livre e espontaneamente, torna-se mais complexa para o psicopedagogo por estar sendo desenvolvida em grupo.

Nesse caso, a ação psicopedagógica se estabelece tendo o grupo como polo de atenção, de observação, de escuta com relação às pessoas que o compõem.

A EACA vai ser o primeiro contato do psicopedagogo com o grupo. Então, cabe a este explicar para o grupo como será o trabalho desenvolvido, seus objetivos.

Esse instrumento de cunho avaliativo permite ao psicopedagogo:

- observar o engajamento do sujeito no grupo como ser social, a sua conduta, interesses, vínculos, liberdade de ação, seu relacionamento com as pessoas que compõem o grupo;
- estabelecer uma ideia, uma percepção sobre o grupo;
- dar possibilidade a cada pessoa do grupo se expressar da forma como quiser e puder;
- levantar hipótese sobre níveis de aprendizagem, nível afetivo/emocional, estrutura cognitiva (*grosso modo*) do grupo.
- o levantamento de linhas de pesquisa.

Através da EACA em grupo, o psicopedagogo começa a perceber, a presença da essência energética e estrutural das pessoas ali presentes, a perceber, também, o funcionamento do grupo, sua dinâmica e a existência de possíveis vínculos.

Durante a aplicação da EACA em grupo, o psicopedagogo precisa estar atento ao processo de socialização, respeito ao outro, integração do sujeito ao grupo, à sensação de pertencimento e à participação ativa e integradora.

Características da EACA em grupo:

- É original e única, como acontece com o trabalho psicopedagógico, no sentido de que não se repete;
- Permite:
 - o relato de fatos, história de vida, experiências, a livre participação dos componentes do grupo;
 - Fomentar entre os membros do grupo, a troca de ideias, de conhecimento, de experiências;
 - Proporciona uma sutil e despretensiosa apresentação entre os componentes do grupo, numa forma descontraída de se conhecerem.

Para a EACA, segundo Jozélia, a consigna deve ser aberta e solta como a denominação que lhe é dada, possibilitando ao grupo avaliada liberdade para se pronunciar do jeito que sabe, do jeito que pode.

As consignas, apesar de terem o mesmo objetivo expresso na avaliação psicopedagógica individual, sofrem algumas alterações com vistas à sua adequação, ao trabalho desenvolvido com o grupo de adultos idosos.

CONSIGNA ABERTA

Gostaria que vocês falassem para o grupo sobre o que já aprenderam, o que te ensinaram, o que sabem fazer, e o que sabem ensinar.

CONSIGNAS ALTERNATIVAS

- Vocês acabaram de contar, de falar sobre coisas. Mas, gostaria que extraíssem delas o que mais lhes chamou atenção;
- Gostaria, também, que vocês falassem sobre outras coisas que vocês ainda não falaram;
- Com a experiência de vida, como vocês se veem como aquela pessoa que ensina;
- Como vocês acham que podem desenvolver a ação de ensinar ao grupo.

Com esse tipo de consignas damos espaço para que todos se pronunciem e possam se envolver nas falas de seus pares, questionando, participando.

Na EACA

- a temática, apesar de estar no sujeito, vai ser sempre vista através do grupo;
- a dinâmica vai mostrar a conduta do grupo e das pessoas, os movimentos e expressão corporal, a maneira como o sujeito se dirige ao psicopedagogo, aos seus pares e como esse grupo reage a essa dinâmica;
- o produto se estabelece nos dados trazidos pelo sujeito e pelo grupo, o resultado, o registro de tudo o que aconteceu durante a sessão.

Nessa forma de estar, entre dinâmica e produto, podemos perceber a existência do pertencimento, como também, de uma participação ativa e integrada entre os componentes do grupo.

Assim, podemos observar, colher e registrar dados como:

- Os aspectos energéticos e estruturais do grupo;
- O modelo de aprendizagem desse grupo, observando como cada pessoa se destaca, reage e como o grupo aprende;
- O envolvimento e a relação do grupo com a aprendizagem, assim como, as dificuldades de aprendizagem apresentadas;
- O que o grupo sabe fazer;
- O que o sujeito trouxe como aprendizagem para o grupo e como aprendeu;
- O que o grupo sabe ensinar;
- Atitudes do grupo frente às demandas;
- Vínculos, relacionamentos entre as pessoas que fazem parte do grupo;
- Níveis de autonomia, independência das pessoas com relação a si próprio e ao grupo;
- Aspectos culturais, sociais trazidos pelo grupo;
- Formas de se comunicar e a linguagem utilizada entre as pessoas do grupo.

Como vemos, a EACA é um instrumento que nos permite avançar na avaliação, dando o primeiro passo na direção do conhecimento do grupo, do sujeito que o compõe e no levantamento de hipóteses.

Considerando o processo diagnóstico citado na avaliação psicopedagógica individual, estaríamos, em sequência, usando as Provas Operatórias

Piagetianas, as quais têm como objetivo descobrir o grau da estrutura cognitiva do sujeito, do seu desenvolvimento cognitivo.

Porém, nesse tipo de avaliação em grupo, a nosso ver, estas provas não estarão presentes, visto que consideramos a sua aplicação mais adequada numa avaliação de cunho individual.

Por essa razão, decidimos não as aplicar, buscando através dos diversos instrumentos existentes na avaliação psicopedagógica, respostas que pudessem oferecer indícios sobre a estrutura cognitiva do sujeito, do grupo.

Assim, com esse objetivo, consideramos que seria importante observar e analisar, no decorrer de toda a avaliação, o desenvolvimento cognitivo do grupo como um todo, sem perder de vista o sujeito e o seu desempenho como membro deste.

Dessa forma, levaremos em consideração, através das respostas dadas, a conduta do sujeito, o seu nível de raciocínio, envolvimento consigo próprio e com as pessoas que compõem o grupo.

Então, cada instrumento que compõe o processo avaliativo, levando em consideração o contexto grupo, será porta voz de análise sobre o processo cognitivo expresso pelo grupo, pelas pessoas que o compõem.

Assim sendo, sem a aplicação das Provas Operatórias Piagetinas seguimos o processo avaliativo com as Técnicas Projetivas Psicopedagógicas.

Técnicas projetivas psicopedagógicas

As Técnicas Projetivas Psicopedagógicas no grupo têm como objetivo:

- fomentar a aproximação das pessoas, o estabelecimento de vínculos;
- favorecer a interação, integração, o conhecimento do outro, e de si mesmo;
- permitir ao psicopedagogo conhecer os componentes do grupo quanto ao seu aspecto cognitivo e afetivo emocional, relacional, através dos desenhos elaborados em subgrupos ou individualmente e, dos relatos apresentados.

Os resultados alcançados, em face desses objetivos, serão fonte de análise quanto à relação do vínculo que o sujeito tem consigo próprio, com o grupo e com o mundo que o cerca.

Essas Técnicas Projetivas Psicopedagógicas não deverão sofrer alterações quanto ao seu conteúdo. Apenas terão uma nova direcionalidade: o grupo de adultos idosos. Teremos, em verdade, uma mudança de forma, não de mérito.

As consignas devem ser mantidas tal como Visca (2011) as apresenta, porém tendo como foco o grupo e/ou subgrupos.

Durante a aplicação dessas Técnicas, numa atividade coparticipada, cabe ao profissional estar atento aos desenhos, os relatos, à troca de saberes, à relação e ajuda entre os membros do grupo.

A escolha das Técnicas Projetivas Psicopedagógicas fica a critério do psicopedagogo, do seu conhecimento prévio sobre o grupo, das hipóteses levantadas, sobre o nível de aprendizagem, o envolvimento entre os membros do grupo, consigo próprio, com os amigos, a família.

Apesar da escolha e a quantidade de Técnicas a serem aplicadas ficarem a critério do psicopedagogo, consideramos que existem algumas destas que não podem faltar numa avaliação psicopedagógica em grupo.

Entre elas estão o Par Educativo, Os quatro momentos do dia, Eu e meus companheiros e a Família Educativa.

Essas, darão ao profissional respaldo para um maior conhecimento sobre o sujeito e o grupo avaliado, pois trazem dados sobre os vínculos estabelecidos entre os membros do grupo, família e si próprios.

Aplicadas as técnicas Projetivas Psicopedagógicas, seguimos a avaliação com a aplicação dos Instrumentos Variados, os quais nos fornecerão novos dados sobre o grupo.

Instrumentos variados

Considerando os instrumentos citados até o presente momento, torna-se interessante a opção por outros instrumentos que o psicopedagogo julgue necessário aplicar como fonte de complementação ao processo avaliativo.

Os Instrumentos Variados são escolhidos pelo psicopedagogo no decorrer da avaliação, tomando como ponto de partida os resultados já adquiridos,

as respostas dadas, o nível de cognição detectado, as hipóteses levantadas, o envolvimento e participação das pessoas que compõem o grupo.

São instrumentos que fogem, nesse caso, ao processo diagnóstico que tomamos como referência para uma avaliação psicopedagógica.

A presença destes Instrumentos Variados no processo avaliativo nos permite perceber como a ação psicopedagógica se torna flexível, interventiva, inserida na subjetividade do sujeito, do grupo e do ato de aprender.

Esta flexibilidade, quanto à Ação Psicopedagógica, nos permite, na escolha e aplicação desses instrumentos, recorrer, por exemplo, a atividades como jogos, quebra cabeça, leitura/escrita, arte de modo geral, atividades artesanais, atividades que vão exigir do grupo o papel de aprendiz e ensinante.

Na escolha desses Instrumentos Variados podemos introduzir atividades com o objetivo de:

- observar e desenvolver habilidades e atitudes no adulto idoso;
- estimular níveis de pensamento (criador, conceitual, avaliativo e implicativo);
- ativar o raciocínio combinacional, lógico, abstrato, dedutivo, proposicional.

Esses objetivos citados acima vão trazer indicativos da existência de uma estrutura cognitiva ainda ativa e/ou em declínio do adulto idoso.

Após a aplicação (ou não) dos instrumentos variados, seguimos com a Anamnese, que irá nos trazer novos dados para a complementação do já conhecido, no decorrer deste processo avaliativo.

Anamnese

A anamnese, – como dito na avaliação individual – na proposta da Epistemologia Convergente, deve vir no final da avaliação, ser conduzida de forma livre, aberta, situacional, deixando a família ou o sujeito falarem, cabendo ao psicopedagogo utilizar intervenções para elucidar os fatos relatados e/ou descobertos durante a avaliação.

Nessa proposta de avaliação em grupo com adultos idosos, não fugimos desse conceito básico, porém, o adaptamos à realidade do grupo.

A anamnese com o adulto idoso, quando feita em grupo, vai além das informações que o sujeito possa trazer sobre si próprio, se estendendo às informações trazidas pelo grupo e para o grupo.

Ela vai se consolidando desde o momento em que ouvimos os membros do grupo falarem sobre a sua participação, os vínculos que já criaram com as pessoas que o compõem, o nível de relacionamento estabelecido, o que encontrou de importante e interessante entre os seus pares.

Nos relatos que são feitos pelos componentes do grupo, podemos fazer uma análise deste grupo com relação à escuta e sobre aquele que faz o relato.

Durante a Anamnese, o psicopedagogo observa o grupo em geral, considerando a postura das pessoas e do grupo e como este se desenvolveu durante a avaliação; o que seus participantes tinham a contar; qual o nível de envolvimento que o grupo sofreu durante a avaliação nas atividades solicitadas.

As consignas dadas na Anamnese, nessa circunstância, surgem de forma espontânea, como se estivéssemos num bate-papo. O objetivo é permitir que todos se sintam à vontade para se expressar oralmente, do jeito que sabem, do jeito que podem.

CONSIGNAS:

- gostaria que vocês falassem como se sentiram participando desse grupo durante esse período de avaliação;
- o que e quantas coisas foram novidades para vocês;
- quais foram as descobertas que fizeram, e destas, quais as mais significativas.
- relatem experiências que mais lhes chamaram atenção durante essa avaliação psicopedagógica.
- gostaria, também, que vocês falassem sobre experiências vividas.

O objetivo dessas consignas, além de nos possibilitar conhecer um pouco de cada pessoa e do grupo, é também saber sobre a interação destas no grupo.

A anamnese vem como um fechamento de todas as hipóteses levantadas. A partir daí, concluiremos a avaliação psicopedagógica, elaborando um Informe Psicopedagógico com o resultado alcançado pelo grupo. Esse Informe será apresentado pelo psicopedagogo ao grupo, na Entrevista Devolutiva, trazendo o diagnóstico e prognóstico definidos em relação ao grupo avaliado.

Entrevista devolutiva

Nesta fase conclusiva da avaliação, está presente o informe psicopedagógico, o qual traz um relato de todo o processo avaliativo, com o diagnóstico e prognóstico sobre o grupo em apreço.

Na Entrevista Devolutiva, o grupo toma consciência sobre o que foi trabalhado durante a avaliação e, se assim o desejar, fazer algum comentário.

Nesse momento, a Entrevista Devolutiva toma rumos de expectativa distintos:

- para o psicopedagogo é o fechamento de um trabalho de grande responsabilidade, onde estarão presentes todos os dados colhidos durante o processo avaliativo, com aportes sobre o grupo e sobre os seus componentes;
- para o grupo, constitui-se numa resposta esperada em relação ao que foi desenvolvido, os acertos, as dificuldades, o crescimento, as mudanças.

A Entrevista Devolutiva, a depender do grupo, das pessoas que o compõem, da necessidade vista pelo psicopedagogo pode seguir por quatro caminhos:

1. apresentada ao grupo;
2. apresentada às famílias dos componentes do grupo;
3. apresentada à família de cada componente do grupo (se, se fizer necessário);
4. apresentada à instituição.

Nessa entrevista, além do diagnóstico estabelecido, cabe ao psicopedagogo definir o prognóstico: o que fazer e como conduzir o grupo por caminhos psicopedagógicos e/ou por outros caminhos que o levem para novas descobertas em outras áreas de ação.

A Entrevista Devolutiva, como vemos, traz no seu bojo o resultado de uma avaliação psicopedagógica desenvolvida com um grupo de adultos idosos ao mesmo tempo em que anuncia o encerramento de um processo diagnóstico com características próprias, específicas.

Considerações

No transcorrer deste artigo trouxemos questões de ordem teórica e prática com a intenção de dar suporte e maior atenção, à avaliação psicopedagógica com adultos idosos, apresentando adaptações e

inovações quanto aos instrumentos que a compõem, numa proposta de cunho individual e grupal.

Ressaltamos a necessidade de destacar a aprendizagem assistemática como um fator de grande importância na vida do adulto idoso, considerando-a como uma aprendizagem nascida através de experiências e histórias de vida.

Apresentamos uma avaliação psicopedagógica de cunho individual e grupal, com característica bem peculiares, destinada a atender a realidade de adultos idosos trazendo instrumentos específicos, passíveis de adaptação e inovação à essa faixa etária.

Escrevendo esse artigo sobre o processo avaliativo e o adulto idoso, percebemos com clareza a necessidade de nos revestirmos de um olhar muito especial sobre essa faixa etária, sobre nós mesmos (psicopedagogos) e sobre o reconstruir-nos como profissional.

A partir dessa tomada de consciência, vimos a necessidade de estarmos abertos a mudanças.

A avaliação psicopedagógica individual e em grupo com o adulto idoso, apresentada neste artigo:

- nos deu condições de perceber a importância do criar, inovar, adaptar ações psicopedagógicas, tornando-as mais flexíveis, num processo avaliativo integrado ao contexto, à realidade do adulto idoso;
- nos deu oportunidade de, através dos instrumentos aplicados poder devolver ao adulto idoso, a possibilidade de sentir-se mais integrado e engajado à sua história de vida, a um mundo social, grupal;
- ofereceu ao adulto idoso a possibilidade de se conhecer melhor, conhecer o seu potencial, sentir-se capaz de, no seu ritmo e no seu tempo, se reinventar, renascer, construir novas aprendizagens, de se sentir mais autônomo e... aprender.

Agradecimentos

Agradecemos a Jozélia de Abreu Testagrossa a contribuição trazida para a Psicopedagogia nos presenteando com a EACA e, em particular pelo suporte e esclarecimentos necessários para que eu pudesse escrever de forma fidedigna sobre a Entrevista Aberta Centrada na Aprendizagem – EACA.

Referências

- Carlberg, S. (2012). *Psicopedagogia, uma matriz do pensamento diagnóstico no âmbito clínico*. Intersaberes.
- Condemarin, M. (2005). *Avaliação autêntica: Um meio para melhorar as competências em linguagem e comunicação*. Artmed.
- Dolle, J. (1987). *Para compreender Piaget: Uma iniciação à Psicologia Genética Piagetiana*. Guanabara.
- Fernández, A. (2020). *O saber em jogo: A psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*. Artmed.
- Hadji, C. (1991). *Avaliação desmistificada*. Artmed.
- Jerusalinsky, J. (2017). *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais*. Ágalma.
- Meirieu, P. (2021). Aprender sí: Pero como? In D. Pereira (Org.), *O aprender na Terceira Idade: Diferentes olhares e práticas* (pp. 125-148). WAK.
- Morin, E. (2015). *Introdução ao pensamento complexo*. Meridional.
- Paín, S. (2000). *Encontros com Sara Paín*. Casa do Psicólogo.
- Pereira, D. (2021). A aprendizagem e o adulto idoso. In I. Caierão, & D. C. Ceroni (Orgs.), *O aprender na Terceira Idade: Diferentes olhares e práticas* (pp. 125-146). WAK.
- Quiroga, A. (1990). *El proceso educativo segun Paulo Freire y Enrique Pichon Rivière*. Ediciones Cinco.
- Rubinstein, E. (2013). A especificidade da avaliação psicopedagógica interventiva. In R. M. J. Scicchitano, & M. I. S. Castanho (Orgs.), *Avaliação psicopedagógica: Recursos para a prática* (pp.198-254). WAK.
- Visca, J. (2011). *Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação*. Visca & Visca Editores.
- Visca, J. (2010). *Clínica psicopedagógica: Epistemologia convergente*. Pulso Editorial.
- Visca, J. (1993). *Psicopedagogia: Teoria, clinica investigación*. AG Servicios Gráficos.
- Visca, J. (1991). *Novas contribuições*. Nova Fronteira.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.

Correspondência

Débora Silva de Castro Pereira
Rua Bicuiba, 1209/601, Torre B - Colina A - Patamares -
Salvador, BA, Brasil - CEP 41680-050
E-mail: debscpereira@gmail.com